

# Integração Regional e Petróleo: Um Panorama da Política Externa dos Governos Hugo Chávez (1999-2013)

## Regional Integration and Oil: An Overview of the Foreign Policy of Hugo Chávez Governments (1999-2013)

**PABLO FONTES** | pablovictorfontes@gmail.com

Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**YASMIN RENNI** | yasmin.renni@gmail.com

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**Recebimento do artigo** Julho de 2016 | **Aceite** Setembro de 2016

**Resumo** “O Petróleo é a alma da civilização Moderna”<sup>1</sup> (HIRSCH, 2005, p.1). Na Venezuela, a presença deste recurso implicou em uma maior inserção internacional do país. Este trabalho está dividido em três seções. Primeiramente é apresentada a importância histórica e a riqueza da biodiversidade da Venezuela. Segue-se fazendo uma análise da questão energética associada à integração regional. Por fim, busca-se apresentar como a política externa dos governos Hugo Chávez (1999-2013) esteve atrelada à diplomacia do petróleo. A metodologia utilizada neste trabalho consiste de uma revisão bibliográfica e um estudo de caso sobre a Venezuela na era do ex-presidente Hugo Chávez. **Palavras-Chave** Integração Regional, Energia, Petróleo e Política Externa da Venezuela

**Abstract** “Oil is the lifeblood of modern civilization” (HIRSCH, 2005, p.1). The existence of this resource in Venezuela implied in a larger international insertion for the country. The present article is organized in three sections. Firstly, Venezuela’s historical relevance and biodiversity richness are presented. We then address the energy issue by analyzing it and its relation to regional integration. Lastly, the third section aims to present how Hugo Chávez government’s (1999-2013) was linked to the oil diplomacy. The methodology used in this work consists of a bibliographic review and a case study on Venezuela in the age of the former president Hugo Chávez. **Keywords** Regional Integration, Energy, Petroleum, Venezuela’s Foreign Policy

---

1 Tradução nossa.

## Introdução

Desde a descoberta de reservas petrolíferas no início do século XX, a Venezuela tem buscado uma maior inserção no sistema internacional. A presente importância do petróleo na nova ordem internacional de matriz energética fóssil colocaria este país em uma posição mais central (JACOME; 2011; KLARE, 2009). No pensamento Chavista, a Venezuela tinha por direito esta posição à medida que apresentava uma grande quantidade de recursos enérgicos com relação a sua região e ao mundo. Em 1999 chega à presidência da Venezuela Hugo Frias Chávez, influenciado por uma visão voltada para o socialismo do século XXI e pelo pensamento do libertador Simon Bolívar, que acreditava que para uma melhor inserção internacional seria necessário alcançar uma segunda independência. Ademais, seria preciso ter um distanciamento de concepções neoliberais propostas pelos Estados Unidos da América como, por exemplo, adesão à Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Nesse sentido, era mister reforçar projetos de integração regional no âmbito da América Latina.

O artigo tem por objetivo demonstrar a centralidade da questão energética na inserção internacional da Venezuela e na condução da Política Externa deste país. Principalmente, quando novas concepções sobre segurança e fronteira passam a vigorar e mudar a ótica *mainstream* das Relações Internacionais. A securitização da agenda de segurança permitiu que temas como energia passassem a ter ênfase e impacto diante da arquitetura do sistema internacional. Assim sendo, o petróleo teve destaque à medida que nosso objeto de estudo é a política externa dos governos Hugo Chávez (1999-2013) e sua diplomacia do petróleo.

Portanto, o artigo é dividido em três seções. A primeira, intitulada *Fronteira, História e a Biodiversidade da Venezuela*, mostra a importância da região desde a época do período de colonização. Do mesmo modo, enfatiza as principais rotas e tráfegos na época adotados pelos colonizadores. A segunda parte, *Energia, Segurança e Integração Regional*, visa apresentar a importância que a energia passou a desempenhar no processo de integração regional. Por fim, a última seção fala sobre a política externa de Hugo Chávez e os projetos de integração regional que reafirmam a diplomacia do petróleo a partir da estatização dos recursos energéticos.

Nossa metodologia de pesquisa visa um levantamento bibliográfico tanto dos estudos de relações internacionais quanto dos estudos relacionados ao setor energético da Venezuela. Para além disso, o artigo inova ao passo que informa as questões pertinentes sobre a importância da energia no sistema mundial utilizando dados coletados de organismos internacionais.

## Fronteira, História e a Biodiversidade da Venezuela

Entender a geografia das regiões espalhadas pelo mundo ajuda a explicar como os países utilizam seus recursos minerais. É através da compreensão da biodiversidade, do clima, dos acidentes geográficos que podemos ter dimensões sobre a política, a economia e o comércio do país. A Venezuela é um país que apresenta características próprias, o que permite entendermos algumas questões que são tratadas na atualidade como, por exemplo, a importância e a dependência do petróleo e do gás natural para a nação.

A Venezuela está localizada na região norte da América do Sul, banhada pelo mar do Caribe. A República Bolivariana da Venezuela faz divisa ao sul com o Brasil, a oeste faz fronteira<sup>2</sup> com a Colômbia e também faz divisa a leste com a Guiana. No que concerne à geografia continental, a Venezuela tem

---

2 A fronteira é o órgão periférico do Estado, o portador do crescimento e sua força, e participa em todas as transformações do corpo de Estado. O crescimento espacial é manifestado como um fenômeno periférico empurrando para fora da fronteira através do cruzamento por vetores do crescimento. O mais perto das fronteiras viver esses vetores, mais intimamente. Eles compartilham um interesse neste processo; e o mais amplo o limite mais. É marcadamente o crescimento periférico. Um estado que é esticado para uma área desejado, ele envia, enquanto os nós de crescimento exibindo maior atividade que faz o resto da periferia. (RATZEL, 2011, p.13).

aproximadamente 916.455 km<sup>2</sup>. Nas zonas marítimas e submarinas, o país tem 500.00 km<sup>2</sup>. A região da costa do Caribe tem comprimento de cerca de 2.813 km. Com relação à costa do Atlântico, o país apresenta 814 km de litoral, dos quais 291 km de área litorânea e cerca de 472 km de costa insular. A Venezuela ainda apresenta 98.500 km de plataforma continental. Em suma, a Venezuela é comparada a um trevo de quatro folhas. Isto é, o país se localiza no meio, e as folhas representam os países andinos, do caribe, latinos americanos e por fim, amazônicos (GARGANO, 2014).

Portanto, a Venezuela é compreendida ao mesmo tempo como país andino e amazônico. Andino, pois sofre influência comercial dos países que compõem a Cordilheira dos Andes e também por constituir parte da cordilheira. Clima e topografia são fatores que determinam a natureza de um território. As fronteiras entre Estados tornam-se zonas de exposição ou zonas práticas. Deste modo, a localização geográfica regional é fundamental. Regiões montanhosas como os Andes permitem uma maior segurança para o país (SPYKMAN<sup>2</sup>, 1953).

Por outro lado, a Venezuela é vista como um país amazônico já que uma parte da nação se encontra influenciada pela floresta Amazônica – uma área de aproximadamente 6.7000.000 km<sup>2</sup>. É importante dizer que esta parte da região é banhada pelas bacias do Orinoco (região rica em petróleo) e a bacia do Amazonas (rico em grande quantidade de biodiversidade). De acordo com levantamentos feitos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em parceria com órgãos venezuelanos, a região da Amazônia vem sofrendo graves problemas de queimadas, de destruição do ecossistema e de extração de madeiras de modo ilegal.

A República Bolivariana da Venezuela é considerada um país da região latino-americana tendo em vista que esta região sofreu, ao longo do seu processo histórico, com o sistema do pacto colonial difundido durante o século XVI pelos países da Península Ibérica (Portugal e Espanha). Durante séculos a civilização ocidental eurocentrista controlou cerca de 35% da superfície terrestre até mais ou menos o século XIX, e chegou a 84% no início do século XX (HUNTINGTON, 2014, p.58).

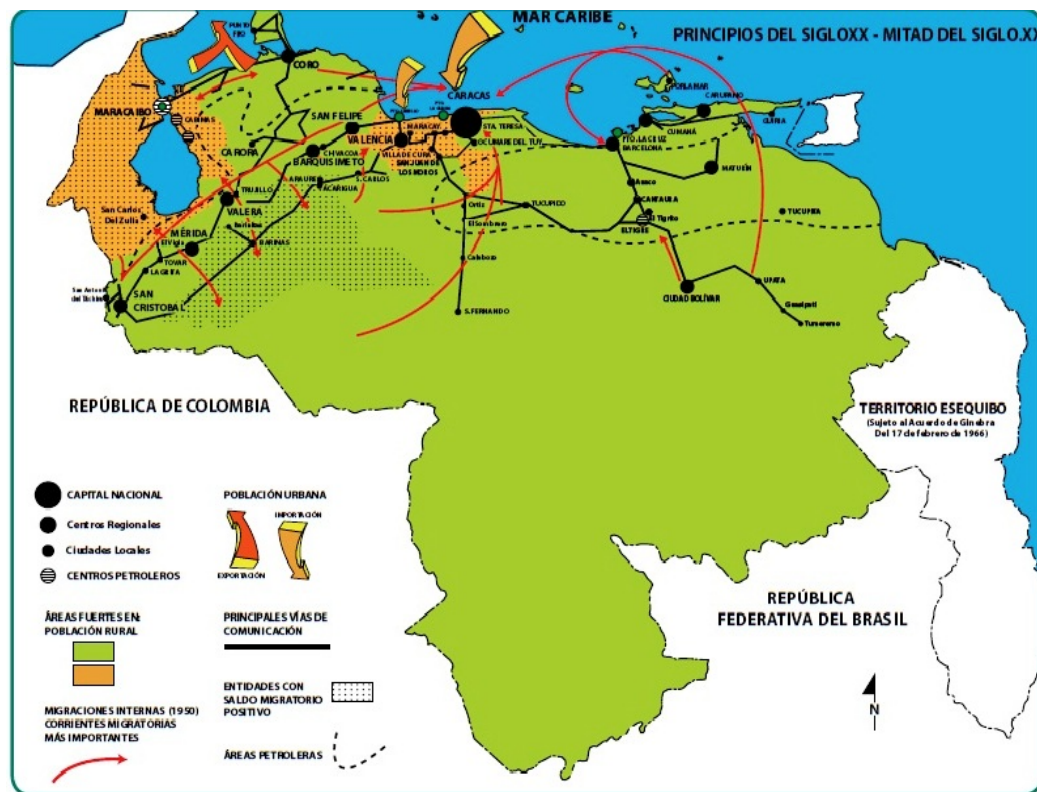
No que concerne às estruturas fluviais, os rios Orinoco e Meta são importantes vias de comunicação fluvial que permitem o transporte de mercadorias para diversos lugares da Venezuela. Os rios também permitiram uma importante ligação com o Oceano Atlântico na época que a Venezuela era tratada como país agrário. A região é formada pelo *llanos* (extensas planícies que fazem divisa com a Colômbia) (GARGANO, 2014). Segundo levantamentos feitos por Gargano (2014) e Mendible (2013), a região da Venezuela desde a época da colonização já apresentava um ritmo de exportação de produtos como café e cacau em torno de 50% a 80%. O petróleo somente passa a ter importância em 1914 quando as exportações ultrapassam os produtos como café e cacau.

De acordo com Spykman<sup>1</sup> (1953), além dos rios, o Oceano Atlântico funcionava como principal rota marítima da região, como ferramenta de embarque e desembarque de mercadorias entre a metrópole (Espanha) e as colônias. Isto é, a hidrografia permitiu ao longo do tempo o desenvolvimento do transporte, da atividade naval e das construções dos portos (SPYKMAN<sup>2</sup>, 1953); (MAHAN, 2013).

As cinco grandes massas de água são o Sul Mar Polar, o Mar do Norte Polar, no Oceano Índico, do Pacífico e o Atlântico. O mar Polar do Sul não tem terra para drenar, e localização no Mar do Norte Polar vai permanecer por um longo tempo para vir atremendo obstáculo apesar dos esforços heróicos do governo soviético para abrir a costa norte da Sibéria. Dos restantes três oceanos, o Atlântico é o mais importante pois, devido à distribuição das serras resultado do fluxo do rio, tem o rácio mais favorável de superfície do oceano a superfície terrestre. Trinta e cinco milhões de ilhas quadradas de área, que drena dezenove milhões de milhas quadradas de terra e, exceto na África. A navegabilidade da maioria de seus rios permite fácil acesso

às regiões do interior. Cerca de 45 milhões de indivíduos dependem do oceano atlântico (SKYPKMAN<sup>1</sup>, 1953, p.40-41)<sup>3</sup>.

**FIGURA 1: Rota de transações comerciais no período da colonização da Venezuela**



Fonte: CEBALLOS (2008); GARGANO (2014).

## Energia, segurança e Integração Regional

A cada nova tecnologia criada, a cada indústria construída o mundo necessita de energia. Energia como elemento que move não apenas as paisagens climáticas, mas que altera as relações interestaduais. Ainda que tenhamos vivenciado várias revoluções industriais, a forma inclusive como a sociedade se ordenou sofreu transformações. Karl Polanyi (2000), em seu livro *A Grande Transformação*, mostra os problemas que as cidades europeias passaram ao longo do século XVIII. Neste período, a Inglaterra vivenciou um intenso e rápido êxodo rural, corroborado por um pauperismo, evidenciando as mazelas e a ausência de infraestrutura cujas indústrias e fábricas da época passavam.

Segundo Polanyi (2000), a revolução industrial salienta o quanto o mundo dependia das matrizes de recursos energéticos como o carvão mineral. Com a segunda revolução industrial, os recursos fósseis ganharam maior destaque, iniciando uma corrida por disputas energéticas sem precedentes. Durante a década de 1970, o mundo vivenciou duas grandes crises que abalaram o sistema internacional. Foram os choques do petróleo (1973 e 1979), liderados pela Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que levaram as potências mundiais a repensarem a questão da dependência energética.

3 Tradução nossa.

É importante observar que o planeta vivenciou uma nova construção da ordem internacional da energia – divididos em países com grande quantidade de reservas de recursos energéticos e aqueles que apresentavam déficits de energia (KLARE, 2009, p.13). Essa divisão rompe com a antiga ordem internacional à medida que a classificação de uma nação antigamente passava por critérios como arsenal de ogivas nucleares, quantidade de navios e exércitos – ou seja, capacidades militares. A nova ordem modifica inclusive a forma como se investiga o tema da segurança. As agendas de segurança ganham novos aspectos passando a englobar outras esferas, como a econômica e política, por exemplo.

Esta abordagem multissetorial do tema de segurança, cujo idealizador foi o teórico da escola de Copenhague Barry Buzan, é conhecida como a teoria da securitização. Ao ampliar os escopos do tema de segurança para a além da política e da esfera militar, Buzan, Weaver e Wilde (1998) afirmam que a securitização é na realidade como uma versão mais extrema da politização.

Securitização pode, portanto, ser vista como uma versão mais extrema de politização. Em teoria, qualquer emissão pública pode ser localizada no espectro que vai de não politizada (ou seja, o Estado não lidar com isso e não é de qualquer outra forma uma questão de debate público e de decisão) ou através da politização (ou seja, a questão faz parte da política pública, exigindo do governo tomada de decisão e de recursos ou, mais raramente, alguma outra forma de governação comunal) para securitizados (ou seja, a questão é apresentada como uma ameaça existencial, necessitando de medidas de emergência e justificar ações fora dos limites normais do processo político). Em princípio, a colocação das questões sobre este espectro está aberta: Dependendo das circunstâncias, qualquer problema pode acabar em qualquer parte do spectrum. Na prática, a colocação varia substancialmente de Estado para Estado (e também ao longo do tempo). Alguns Estados politizam a religião (Irã, Arábia Saudita) e outros não (França, Estados Unidos). Alguns vão securitizar a cultura (URSS, Irã) e outros não (Reino Unido, Países Baixos) (BUZAN; WEAVER; WILDE, 1998, pp.23-24)<sup>4</sup>;

Desse modo, a securitização da agenda de segurança mundial permite colocar países<sup>5</sup> com uma vastidão de recursos energéticos (como petróleo, carvão e gás natural) em um ranking de capacidades antes só acessível àqueles com recursos militares propriamente ditos. A importância dos recursos energéticos é melhor percebida a partir deste conceito. Lembremos que aviões, trens, navios que transportam mercadorias de região para região somente o conseguem à medida que existe a energia em forma de combustível. Como ressalta Klare (2009), a energia é fundamental para a manutenção das fábricas em pleno funcionamento. Os produtos petrolíferos são essenciais para o sustentar dos tendões do sistema internacional, principalmente, diante de um processo que é a globalização.

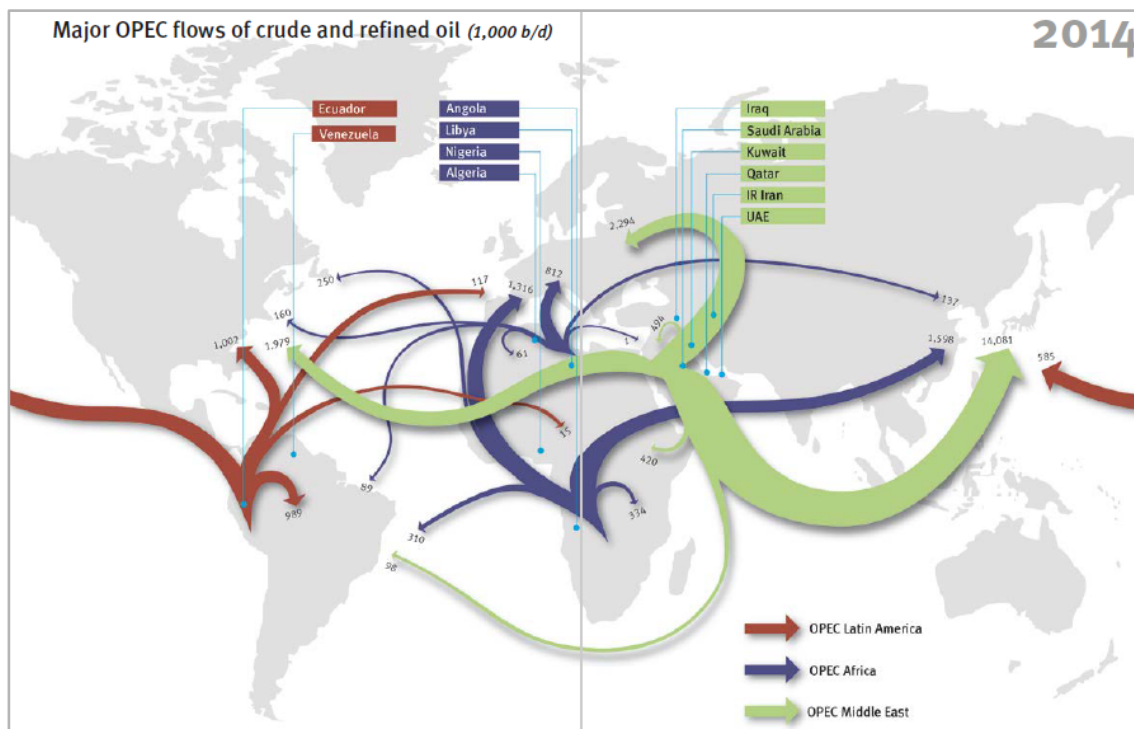
Segundo o Departamento de Energia dos Estados Unidos, a produção de energia no mundo deverá aumentar em média 57%, equivalente a 700 quadrilhões de dólares. Desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os principais países têm consumido grande parcela da energia mundial. Países como Japão, Estados Unidos e Europa Ocidental são considerados grandes compradores destas energias. Somente a Venezuela fornece em média 10% do seu petróleo, que equivale a aproximadamente 1,4 milhões de barris por dia, para os Estados Unidos (KLARE, 2009, p.9). O mapa abaixo mostra as rotas de exportação e trajeto do petróleo pelos países que compõem a OPEP.

4 Tradução nossa.

5 Assim como outros atores, segundo BUZAN; WEAVER; WILDE, 1998, p.36.



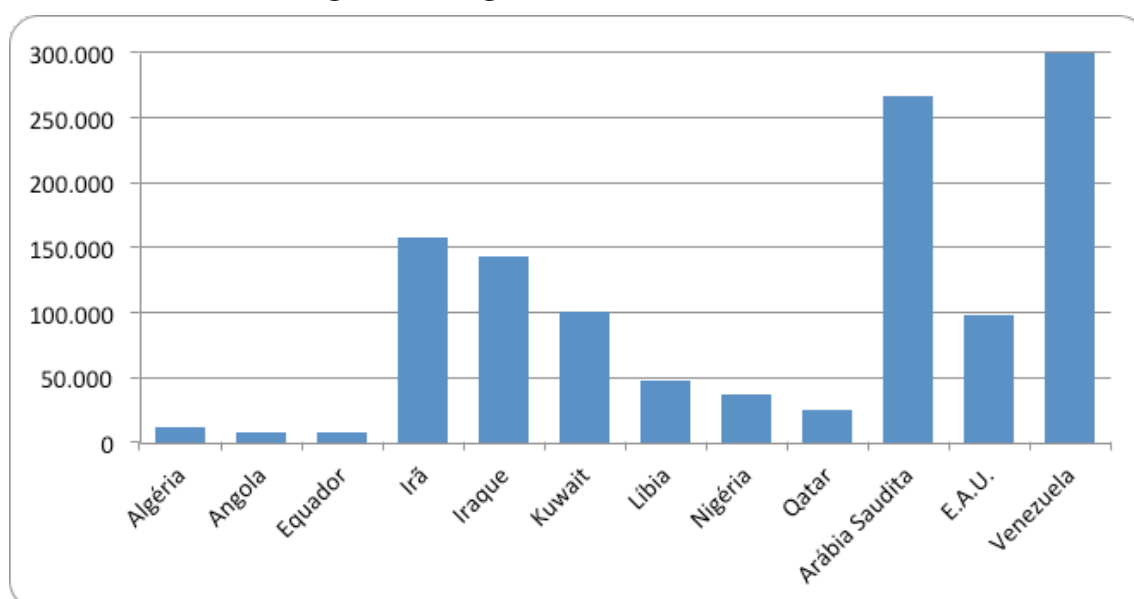
**FIGURA 2: Geopolítica do petróleo dos países exportadores da OPEP**



Fonte: OPEP (2015)

É importante lembrar que estudos como o de Klare (2009) apontam que, num futuro não muito distante, haverá certo esgotamento de fornecimento de energia. O petróleo será um dos produtos que deverá sofrer um processo de exaustão. Na verdade, os combustíveis fósseis como um todo serão os mais atingidos. Em 2006, o petróleo foi responsável por em média 40% da energia mundial, enquanto o gás natural por aproximadamente 25% do consumo mundial. O gráfico abaixo mostra um apanhado do índice de produção de petróleo pelos membros da OPEP.

**GRÁFICO 1 - Reservas provadas de petróleo dos membros da OPEP, 2014 (mil barris)**



Fonte: OPEP (2015)

De acordo com Klare (2009, p.54), o gás natural passou a ser uma alternativa, tendo em vista que o recurso energético libera menos CO<sup>2</sup> na atmosfera comparado ao petróleo. Assim sendo, o gás natural é visto por muitos estudiosos sobre a questão climática como uma alternativa, mesmo que não ideal. Ademais, segundo o autor, o gás natural apresenta uma facilidade um tanto quanto maior em relação ao petróleo no que tange à extração. Contudo, ainda que seja uma alternativa, o petróleo continua sendo o ouro negro do mundo.

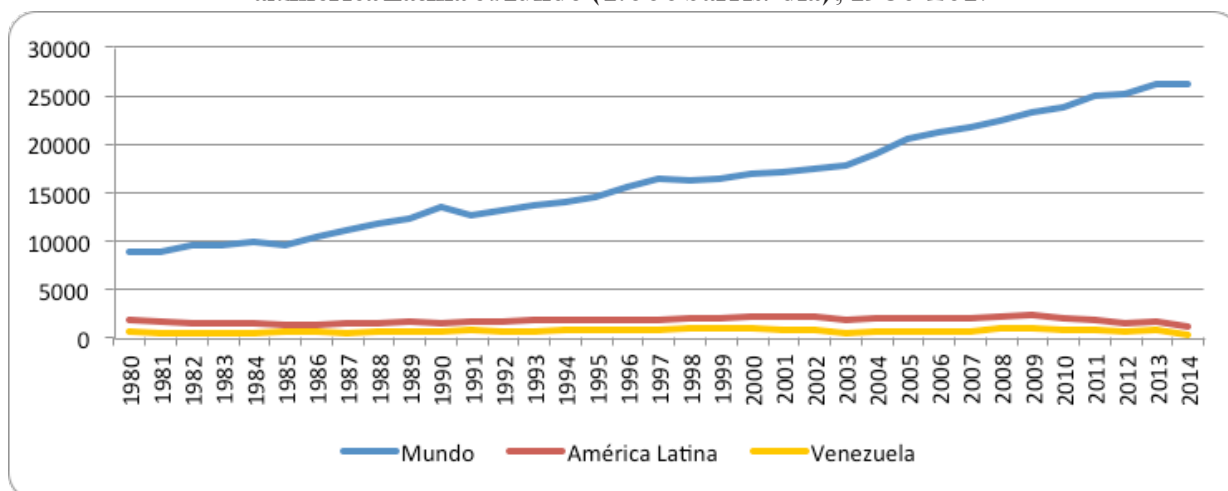
Na geopolítica mundial atualmente, a Venezuela se encontra entre os 15 países que compõem as maiores quantidades de reservas mundiais de petróleo. As reservas provadas do país corresponderam a cerca de 300.000 mil barris em 2014 (OPEP, 2015). Além disso, a Venezuela fornece cerca de 22% do gás natural consumido mundialmente. Países como China e Índia consomem, com o passar do tempo, cada vez mais produtos como gás e petróleo (KLARE, 2009). A cada dia existe o que chamamos de nacionalização de recursos minerais e energéticos no mundo. A Venezuela de Hugo Chávez mostra a importância geoestratégica destes recursos em sua política externa.

De acordo com Hurrell (1995), o regionalismo pode surgir como uma resposta aos desafios externos. A questão energética e a possibilidade de escassez desses recursos se tornaram, nas últimas décadas do século XX, um fator potencializador de iniciativas de integração regional no continente sul-americano. A Venezuela mostra a importância dada ao petróleo, ao gás natural e a produção de outros hidrocarbonetos a partir da criação da PetroAmérica (2001).

A PetroAmérica foi concebida como uma ferramenta geopolítica voltada tanto para a cooperação quanto para a integração, utilizando recursos energéticos do Caribe, da América Central e da América do Sul. Segundo a empresa estatal venezuelana, Petróleo da Venezuela e Sociedade Anônima (PDVSA), o objetivo da PetroAmérica é melhorar a perspectiva socioeconômica dos povos do continente. A PetroAmérica, projeto de integração sub-regional, conta com três iniciativas utilizando a energia como principal elemento: a Petrosul (Argentina, Brasil, Uruguai e Venezuela); a Petrocaribe (os 14 países da região do Caribe), assinada em 2005; e a PetroAndina (Bolívia, Equador, Colômbia, Peru e Venezuela).

Todas estas iniciativas buscam o fortalecimento da cooperação através do fornecimento de produtos brutos, das trocas de bens, do desenvolvimento e do financiamento da infraestrutura. Segundo Jácome (2007); (2009); Krufi e Flores (2009), a PetroAmérica busca construir e operar as refinarias, instalar terminais e armazéns. Ainda de acordo com os autores, investimentos em logística, transporte, pesquisa, políticas públicas e comércio de gás natural também seriam aplicados à questão energética. O gráfico abaixo aborda a quantidade de exportação do petróleo venezuelano ao longo de sua história na região da América Latina e do mundo.

**GRÁFICO 2 - Evolução da exportação de petróleo venezuelano com relação à América Latina e Mundo (1.000 barris/dia), 1980-2014**

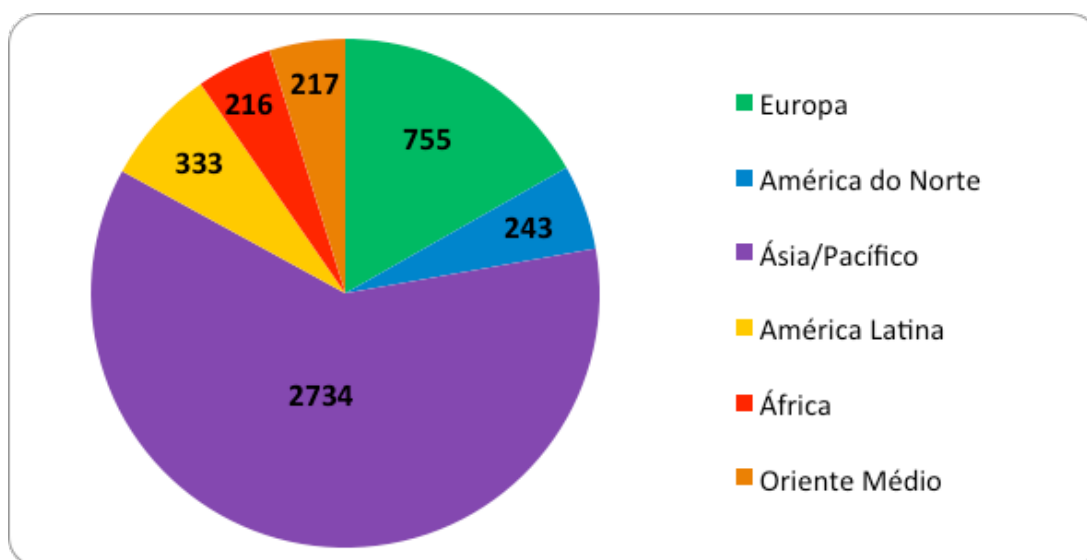


Fonte: OPEP (2015)

É importante afirmar que o desenvolvimento de integração energética busca redefinir as relações entre as nações que compõem a região da América Latina, tendo como foco a potencialidade dos recursos energéticos. Portanto, as assimetrias entre os países que compõem a região latino-americana podem, ao longo do tempo, sofrer uma sensível redução. Devemos destacar que a Venezuela faz parte do cartel da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) desde o ano de 1960. A organização, criada em 1960 pela conferência de Bagdá, restringe a oferta de petróleo no mercado mundial.

Atualmente, a Venezuela é considerada a região que mais opera em reservas de petróleo do mundo, produzindo em média 2,7 milhões de barris de petróleo por dia segundo a OPEP. De acordo com a organização, o país exporta cerca de 95% do seu petróleo. Apenas 25% da produção de petróleo e gás natural do país são destinados ao consumo local. A OPEP informa que 80% das reservas de petróleo no mundo pertencem a países integrantes da instituição, somando um total de 1.206 bilhões de barris em 2014. A região do Oriente Médio corresponde a 66% destas reservas nos últimos anos. De acordo com o último boletim feito pela organização no ano de 2015, somente a Venezuela representa 20% em termos de reserva mundial de petróleo.

**GRÁFICO 3: Exportações de petróleo da OPEP por regiões de destino (1.000 barris/dia), 2014**



Fonte: OPEP (2015)

## A Diplomacia do Petróleo na Política Externa de Hugo Chávez (1999-2013)

A política externa dos governos de Hugo Chávez (1999-2013) evidencia a importância da internacionalização do petróleo como política pública. Já em seu primeiro governo (1999-2001), Chávez, por intermédio, da Assembleia Nacional Constituinte, através da Constituição da República Bolivariana da Venezuela de 1999 delimitou geograficamente, os espaços continentais, insulares e marítimos da Venezuela. Isso reflete a preocupação existente com a dimensão geopolítica regional energética.

Sin embargo, no se altera La determinación Del espacio geográfico nacional al reiterar La version tradicional de La Constitución Del año 1830 y que se repite hasta la de 1961, es decir, al que correspondía a La Capitanía General de Venezuela



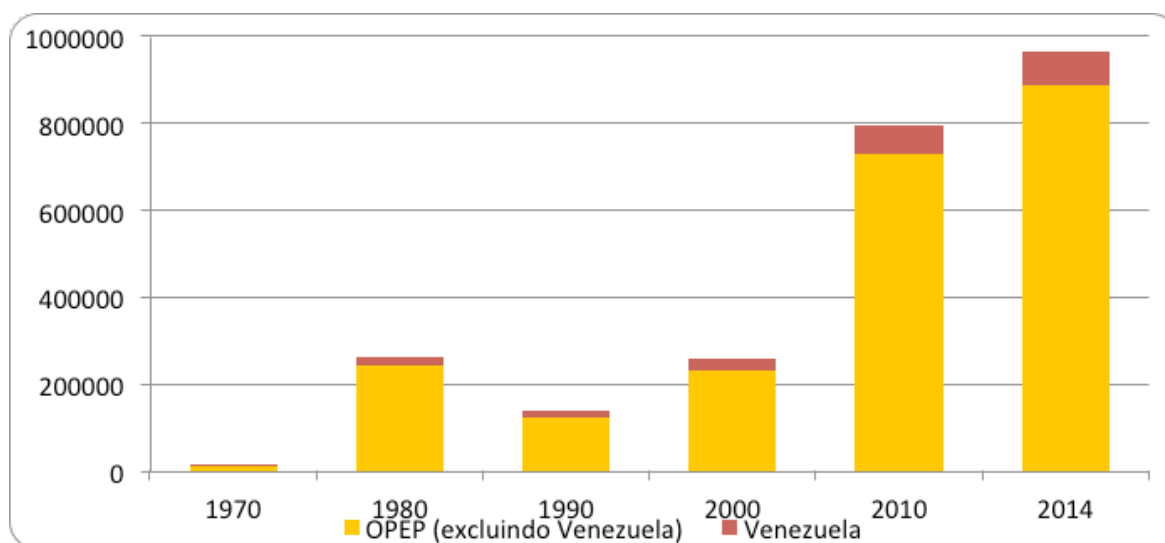
para el 19 de abril de 1810. No obstante, se agregola frase con las modificaciones resultantes de los tratados y laudos arbitrales no viciados de nulidad. Conello se corrige La omisión Del Congreso Constituyente de 1961 con relación a los laudos y arbitrajes determinantes de nuestras fronteras actuales (...)”. (Constituição da República Bolivariana da Venezuela, Tombo II, Capítulo I).

No primeiro governo (1999-2001), a orientação da política externa não foi drasticamente diferente dos governos anteriores, buscando-se uma diplomacia mais independente, aprofundamento do diálogo com os países vizinhos e articulação com a OPEP e grandes produtores para a manutenção dos preços do petróleo. Eram os recursos advindos do petróleo que auxiliariam nas mudanças internas almeçadas. Nesse sentido, também as relações comerciais com os Estados Unidos foram mantidas.

Hugo Chávez mudou a orientação política do país em relação aos Estados Unidos, mas manteve uma diplomacia do petróleo muito semelhante a dos governos anteriores, preservando o pragmatismo. Iniciava-se aí uma nova dinâmica de relações entre os componentes da política externa. Chávez não inaugurou a sobreposição de orientações dentro dessa política. Mas pela primeira vez a ordem dessa relação foi invertida. Os negócios continuaram à parte, o que mudou foi a relação de amizade (VALENTE, 2012, p. 76-77).

Foi com a tentativa de golpe e paralisação geral liderada pela PDVSA, em 2002, e a suspeita de envolvimento dos Estados Unidos nestes acontecimentos, que a política externa do governo Chávez começou a mudar mais significativamente. Surgia a necessidade de transformar a Venezuela em um país mais ativo no cenário internacional. Os estudos apontados por Giacalone (2007); Klare (2009); Valente (2012); evidenciam uma diplomacia da energia ou também chamada diplomacia do Petróleo durante a era Chávez. A grande quantidade de reservas deste recurso gera uma dependência<sup>6</sup>, mas também poder. O gráfico IV mostra a participação da Venezuela nas exportações de petróleo da OPEP desde a década de 1970.

**GRÁFICO 4 - Participação da PDVSA (Venezuela) no valor total das exportações de petróleo da OPEP (em milhões de US\$), 1970-2014**



Fonte: OPEP (2015)

6 Relacionada à chamada “Doença Holandesa”.

É importante notar que a nacionalização dos recursos energéticos foi um acontecimento paralelo à diplomacia do petróleo já existente. A PDVSA, empresa de propriedade estatal, passou a fazer parte do conjunto célebre de Empresas Petrolíferas Nacionais (NOC's). Somente em 2006, a PDVSA apresentou um alto índice de desenvolvimento das atividades relacionadas ao petróleo na região do Delta da bacia do Orinoco e lago Maracaíbo. Como lembra Valente (2012), a PDVSA, durante a era Chávez, permitiu que as condições da população passassem por melhorias como saúde, educação, infraestrutura à medida que a empresa financiou projetos a partir do Plano Bolívar.

Depois de longos investimentos na exploração da região do Orinoco, região com extensas reservas de petróleo, nas décadas de 1970 e 1980, a PDVSA enfrentou problemas financeiros com a queda dos preços do recurso nos anos 1980. De acordo com Campos (2005) e Valente (2012), a exploração dessa área concentrou a maior parte dos recursos da PDVSA e de suas subsidiárias neste período. Com as propostas de internacionalização a empresa toma novo impulso, assumindo importante papel estratégico no governo de Chávez. Ademais, nos últimos anos do governo de Hugo Chávez, a PDVSA foi muito beneficiada com a alta dos preços das *commodities*, sobretudo o petróleo não apenas na região do Orinoco, mas em todo o país.

Ao observarmos a política externa dos governos de Hugo Chávez é perceptível que o petróleo foi um dos instrumentos utilizados no âmbito desta política como mecanismo de barganha no sistema internacional. Além disso, o petróleo funcionou como elemento fortalecedor da imagem da Venezuela no sistema internacional. Ao mesmo tempo em que a exportação do petróleo gerava receitas e colocava a Venezuela em uma posição de destaque como parte da OPEP, a receita do petróleo possibilitou a existência de programas de políticas públicas no contexto doméstico, o que por sua vez deu ao país destaque por outra esfera.

Além da vertente energética, esta busca por maior atuação no cenário internacional também se refletiu na questão da integração. Na realidade, o protagonismo do país no cenário energético proporcionou a atenção necessária para a Venezuela desenvolver alianças e, na esfera regional, articular projetos de integração energética e física. Como destaca Valente (2012), dentro dessa iniciativa para a América Latina e Caribe encontram-se a participação do novo Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), a consolidação do eixo de liderança Cuba-Venezuela-Bolívia para impulsionar a Aliança Bolivariana para os Povos da nossa América (ALBA), o fortalecimento da integração sul-americana através da União das nações Sul-americanas (UNASUL) e neutralizar a ação “*del Império*” fortalecendo a solidariedade e a opinião pública dos movimentos sociais organizados.

## Considerações Finais

O aspecto histórico durante a transição dos séculos XVI e XVII foi essencial à medida que nesta época já havia o fortalecimento e a importância creditada à geografia e a biodiversidade da região da Venezuela. A localização geográfica, a biodiversidade e a geografia da região não podem e nem devem ser ignoradas pelos formuladores de política externa à medida que muitos processos decisórios dependem da natureza territorial, da estrutura física e da densidade populacional.

Assim sendo, o petróleo é um elemento vital para a política da Venezuela, desde as dimensões domésticas quanto a questões que envolvem o ambiente externo. A grande quantidade de riqueza energética na região permitiu ao longo da política externa dos governos de Hugo Chávez que programas sociais pudessem ser desenvolvidos para a população mais necessitada. O petróleo possibilitou também ao longo da história política e econômica da Venezuela uma maior projeção no cenário internacional, sobretudo, nos períodos em que os preços destas *commodities* permaneciam em alta.

Como vimos, a energia foi e ainda continua a ser fundamental para a manutenção das fábricas e

diversos aparatos da vida cotidiana. Os produtos petrolíferos são essenciais para o sustentar dos tendões do sistema internacional. É relevante mencionar também a importância dada aos temas da agenda de segurança a partir do entendimento do conceito de securitização. A securitização da agenda de segurança mundial levou a Venezuela a uma posição de maior destaque nesta agenda, tendo em vista a vastidão de recursos energéticos deste país.

Outra importante vertente relacionada à diplomacia do petróleo diz respeito aos recursos de integração regional. Durante a era do então presidente Hugo Chávez, projetos passaram a existir buscando o fortalecimento da região da América Latina e do Sul. A PetroAmérica foi concebida como uma ferramenta para a integração utilizando recursos energéticos do Caribe, da América Central e da América do Sul. O objetivo desta integração, segundo a PDVSA, seria melhorar a perspectiva socioeconômica dos povos do continente.

Com relação à aproximação com os vizinhos e a região, destacam-se também o interesse da Venezuela na participação do MERCOSUL e a busca de consolidação de um eixo de liderança com Cuba e Bolívia no projeto da ALBA. Ademais, os esforços para o fortalecimento da integração sul-americana através da UNASUL são mais um indício da política externa propositiva de Chávez.

Sendo assim, percebe-se que para a Venezuela o petróleo está estritamente relacionado com o desenvolvimento de políticas internas, o direcionamento da política externa e as pretensões internacionais do país. As fortes relações comerciais com os Estados Unidos devido a este recurso não significaram um alinhamento incondicional, muito pelo contrário: tomaram um tom pragmático, em especial nos governos de Chávez.

## Referências Bibliográficas

- BUZAN, Barry; WEAVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: A New Framework for Analysis**. Boulder and London: Lynne Rienner Publishers, 1999.
- CAMPOS, Adriana Fiorotti. **A reestruturação da indústria de Petróleo Sul Americana nos Anos 90**. Tese de Doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Planejamento Energético pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), 2005.
- CEBALLOS, Beatriz. **La formación Del espacio venezolano**. 3era edición. Caracas, Fondo Editorial de La Universidad Experimental Libertador, 2008.
- HURRELL, Andrew. O Ressurgimento do Regionalismo na Política Mundial. **Contexto Internacional**, IRI/PUC-RJ, janeiro-junho 1995. Disponível em: <[http://contextointernacional.iri.puc-rio.br/media/Hurrell\\_vol17n1.pdf](http://contextointernacional.iri.puc-rio.br/media/Hurrell_vol17n1.pdf)> Acesso em: 08 mar. 2016.
- FLORES, Fidel Perez. Processo decisório da política externa venezuelana: considerações sobre a era chavista. **Observador On-Line**, v.10, n.09, 2015. Disponível em: <[http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/observador/observador\\_v\\_10\\_n\\_09\\_2015.pdf](http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/observador/observador_v_10_n_09_2015.pdf)> Acesso em: 13 jan. 2015.
- GARGANO, Ana Maria. **El espacio geográfico de Venezuela** - Ciencias Sociales. Colección Bicentenario. Venezuela: Editorial Escuela, 2014.
- GIACALONE, Rita. Dilemas De Los Procesos De Integración: Sudamericana Y Opciones Para Venezuela, **Revista Venezolana Estudios Internacionales**, 2007.
- HIRSCH, Robert L. "The Inevitable Peaking of World Oil Production" **Bulletin of the Atlantic Council of the United States**, vol. 26, no. 3, 2005.
- HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e um revisitar da Ordem mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

- JACOME, F. Segurança e Integração “Bolivariana” no Marco da Política Exterior da Venezuela (1999-2006), Rio de Janeiro, **Cadernos Adenauer**, VIII (2007) Número 1, p. 63- 93, 2007.
- JACOME, F. La Política de Seguridad y Defensa del Gobierno de Venezuela em el 2008. In: MATHIEU, H. e ARREDONDO, P. R. (org). **Anuário 2009 de la Seguridad Regional en América Latina y el Caribe**, Bogotá, Junho de 2009.
- JACOME, F. Sector de Defensa en Venezuela: Hitos Nacionales e Internacionales (2008 – 2010). In: **Atlas Comparativa de la Defensa en América Latina y Caribe**. 2010.
- KFURI, Regina & FLORES, Fidel Perez. Socialismo, Multipolaridade e integração regional na política externa do Hugo Chávez. **Encontro Internacional ISA/ABRI**, Rio de Janeiro, julho de 2009.
- KLARE, Michael T. **Rising Power, Shrinking Planet: The New Geopolitics of Energy**. Nova York, NY: Holt Paperbacks, 2013.
- MENDIBLE, A. Venezuela: sustrásito elíptico em el destino histórico sudamericano y el rol moderador del Brasil em el presente In: CARMO, C. A. do [et al]. **Relações Internacionais: olhares cruzados**. Brasília: FUNAG, 2013.
- NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura Política e Elementos de Análise da Política Venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010.
- ORGANIZATION OF THE PETROLEUM EXPORTING COUNTRIES (OPEC), **Annual Statistical Bulletin**, 2015. Disponível em: <[http://www.opec.org/opec\\_web/static\\_files\\_project/media/downloads/publications/ASB2015.pdf](http://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/ASB2015.pdf)> Acesso em: 13 jan. 2016.
- PETRÓLEOS DE VENEZUELA, S.A. **Unión Energética – PetroAmérica**. Disponível em: <[http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenuprinc.tpl.html&newsid\\_temas=46](http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenuprinc.tpl.html&newsid_temas=46)> Acesso em: 10 jan. 2016.
- POLAYNI, Karl. **A grande Transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.
- RATZEL, Frederick. Las Leyes Del crecimiento espacial de los Estados. Uma contribución a La Geografía Política científica. **Geopolítica(s)**, 2010, vol. 2 núm. 1, 2011.
- SPYKMAN<sup>1</sup>, Nicholas J. Geography and Foreign Policy, I. **The American Political Science Review**, Vol. 32, No. 1 (Feb., 1938), pp. 28-50, 1938.
- SPYKMAN<sup>2</sup>, Nicholas J. Geography and Foreign Policy, II. **The American Political Science Review**, Vol. 32, No. 2 (Apr., 1938), pp. 213-236, 1938.
- VALENTE, Leonardo Monteiro. **Inimigos sim, negócios à parte: revisionismo periférico e pragmatismo comercial combinados na política externa do governo de Hugo Chávez**. Tese de Doutorado pelo Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/ UERJ), 2012.
- VENEZUELA. Constituição (1999). **Constituição da República Bolivariana da Venezuela**. Caracas: Consejo Nacional Electoral. Disponível em: <[http://www.cne.gob.ve/web/normativa\\_electoral/constitucion/indice.php](http://www.cne.gob.ve/web/normativa_electoral/constitucion/indice.php)> Acesso em: 10 jan. 2016.